

Jornal Eletrônico

Faculdades Integradas Vianna Júnior

ISSN 2176-1035

Ano V – Edição I – Maio 2013

AS FRONTEIRAS HÍBRIDAS DA ÁFRICA PÓS-COLONIAL

Maria Laura Muller da Fonseca e Silva¹

RESUMO

Os objetos de estudo deste artigo são os recém-editados romances africanos “Teoria Geral do Esquecimento” (2012), do escritor angolano José Eduardo Agualusa, e *A confissão da leoa* (2012), do moçambicano Mia Couto, que foram analisados a partir de uma metodologia que envolveu análise crítica, interpretação dos dados e leitura bibliográfica. As narrativas, dentre outros aspectos, por possuírem protagonistas que, de certo modo, estão exiladas ou isoladas e são estrangeiras/assimiladas, abordam fronteiras supostamente intransponíveis (a casa, em *Teoria Geral do Esquecimento*, e a aldeia, em *A confissão da leoa*), refletindo a relação conflituosa entre o eu e o outro, a problemática questão da alteridade e a possibilidade/impossibilidade de troca de experiências. Os romances contribuem para a discussão acerca do discurso identitário nacional de Angola e Moçambique no contexto pós-colonial, cruzando, em hibridismo cultural, a identidade e a alteridade, o familiar e o estrangeiro, a tradição e o universal.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA AFRICANA. CRÍTICA PÓS-COLONIAL. DISCURSO IDENTITÁRIO. HIBRIDISMO CULTURAL.

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura, Graduada em Letras pela UFJF, Especialista em Teoria da Literatura pela UFJF, Mestre em Crítica Literária pela UFJF e Doutoranda em Estudos Literários pela UFJF. Professora do IVJ e do Colégio dos Jesuítas. E-mail: lauraprof@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os romances “Teoria Geral do Esquecimento”, do escritor angolano José Eduardo Agualusa, e *A confissão da leoa*, do moçambicano Mia Couto, foram publicados no Brasil em 2012 e receberam muitos elogios da crítica especializada. Apesar de os autores em questão serem amigos, somente após a publicação dos livros puderam perceber as afinidades temáticas existentes entre os textos que criaram.

Escritos em um período posterior às guerras de independência e guerras civis das ex-colônias portuguesas na África, fazem parte das chamadas “narrativas de nação”. Tais narrativas trazem para a ficção certo compromisso político-social em dimensão ética na busca da construção literária da identidade de países pós-coloniais; daí a importância de serem estudadas e a relevância do tema para o desenvolvimento dos estudos na área.

Justifica-se o estudo de tais obras por se inserirem em um momento em que emerge, na literatura africana de língua portuguesa, a tendência de investigar o espaço colonial e pós-colonial em busca de uma identidade que será gerada da capacidade ou da incapacidade de aceitar as diferenças. Assim, busca-se, de certo modo, o entendimento acerca do papel da literatura pós-colonial na construção da identidade individual e coletiva nas ex-colônias portuguesas (Angola e Moçambique), considerando a ficção a partir de um lugar ideológico de poder e contrapoder.

Além disso, por apresentarem mulheres protagonistas e pseudonarradores, uma vez que os diários escritos por essas personagens, em ambas as obras, perpassam a voz narrativa, os autores realizam a experiência de olhar e falar a partir da margem, ou seja, essas literaturas permitem também a construção ficcional na qual o outro fala.

Assim, o objetivo geral deste artigo é comparar os romances em questão, articulando o tema da identidade nacional com o passado colonialista, o contexto atual pós-colonial, exílio e memória.

Como objetivos específicos, abordamos os seguintes aspectos:

a) a articulação entre exílio, memória e esquecimento na construção das identidades nacionais de Angola e Moçambique a partir dos romances que compõem o corpus deste artigo;

b) a força da ancestralidade e seu conflito com as latentes forças coloniais no projeto de escrita representado pelos autores posteriores à Independência;

c) a verificação da hipótese de que, em uma relação alegórica, as mulheres protagonistas - em ambos os enredos violentadas na infância - sejam uma extensão da própria terra violentada de diferentes modos no processo colonial, nas guerras de Independência e nas guerras civis;

d) a compreensão da experiência de falar a partir da margem, ou seja, a construção ficcional na qual o outro fala como estratégia de transformação da literatura em um espaço de captação da polifonia contextual.

1 A ATUAL LITERATURA AFRICANA E A CRÍTICA PÓS-COLONIAL

Nas últimas décadas do século XX, destacou-se, no panorama dos Estudos Culturais, o Pós-Colonialismo. Embora alguns teóricos insistam que o prefixo “pós” indica um momento posterior ao colonial, para nosso estudo, partiremos da acepção de Boaventura de Sousa Santos, segundo a qual se trata de um “conjunto de práticas e de discursos que desconstruem a narrativa colonial, escrita pelo colonizador, e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado.” (SANTOS, 2006, p. 233). Nesse sentido, a literatura pós-colonial é composta de textos que problematizam, dentre outras, situações históricas nas relações entre colônias e metrópoles, além de questões de identidade nacional.

Para Bonicci, tal literatura tem como foco “descrever a cultura influenciada pelo processo imperial desde os primórdios da colonização até os dias de hoje.” (BONICCI, 1998, p.9). Sendo assim, consideraremos também que a crítica pós-colonial passa pelo colonial e se estende às culturas posteriores à independência, na maioria das vezes como forma de resistência às perspectivas do discurso dominante.

Homi Bhabha explica que a crítica pós-colonial, de certo modo, testemunhou as forças desiguais de representação da cultura no que diz respeito à política e à sociedade no mundo moderno. Assim, ele afirma que as “perspectivas pós-coloniais emergem de testemunho colonial dos países de Terceiro Mundo e dos discursos ideológicos das ‘minorias’ dentro das divisões geopolíticas (...)” (BHABHA, 2003, p. 239).

Essas perspectivas, adotadas neste artigo, procuram deslocar posições binárias instituídas pelo sistema colonial, a saber, centro/periferia ou nós/eles. Os escritores dos países considerados periféricos pelos centros hegemônicos de poder buscam mecanismos de subversão. Seus discursos, então, expressam formas de pensamento dialético, já que não negam a alteridade, mas contestam afirmações de poder entre etnias, classes e gêneros.

Diante desse referencial teórico inicial, entendemos que estudar a atual literatura africana de língua portuguesa é, sem dúvida, pensá-la no contexto pós-colonial no qual as forças de representação cultural são desiguais e a ótica colonial ainda é uma presença obsedante.

Antônio Cândido compreende a Literatura não como consequência da história, mas como um discurso que, querendo ou não, interage com a sociedade:

(...) na medida em que é um sistema de produtos que são também instrumentos de comunicação entre os homens possui tantas ligações com a vida social, que vale a pena estudar a correspondência e a interação entre ambas (CANDIDO, 2000, p. 163).

A partir da consideração de Candido, podemos também entender a literatura africana pós-colonial como um espaço privilegiado onde diferentes culturas se cruzam e que inaugura um lugar híbrido de diversidade cultural e étnica.

De acordo com Stuart Hall, nos últimos anos,

as noções biológicas sobre raça, entendidas como constituídas de espécies distintas, (...) têm sido substituídas por definições culturais, as quais possibilitam que a raça desempenhe um papel importante nos discursos sobre nação e identidade nacional (HALL, 2002, p. 63).

Em conformidade com Hall, as literaturas africanas de língua portuguesa de Agualusa e Mia Couto utilizam muitas vezes o referencial racial, não como uma noção biológica, mas como definição cultural.

Sendo assim, as literaturas africanas que compõem o corpus deste artigo encenam “narrativas de nação”, ou seja, aquelas que, de acordo com Inocência Mata, “encontram-se na encruzilhada de uma dupla demanda: a catarse dos lugares coloniais, ainda não processada (...) e a revitalização de uma nova utopia.” (LEÃO, 2003, p. 49). Inocência Mata explica que essa nova utopia inclui “estratégias centrífugas”, que buscam a pluralização da nação, e “estratégias centrípetas”, que repensam o projeto monolítico de nação, mas buscam construí-la.

Nessa mesma compreensão, a professora Laura Padilha explica que a literatura africana de língua portuguesa, produzida após 1975, apresenta

as novas correlações de forças ideológicas, assim como as novas contradições surgidas no não menos novo processo histórico aberto com a independência e com a necessidade de reconstrução nacional (LEÃO, 2003, p.312).

De modo geral, é a reconstrução do nacional que essas literaturas se empenham em fazer, sendo não só estéticas, mas também culturais e políticas.

A literatura africana de língua portuguesa está também localizada no espaço entre “o sacrifício e o jogo, a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a assimilação e a expressão (...)” (SANTIAGO, 2000, p. 26).

As narrativas em questão cruzam-se por serem literaturas africanas de língua portuguesa em contexto pós-colonial, mas também porque apresentam protagonistas femininas castradas e em situação de isolamento, discursam sobre a condição nacional e refletem o período das guerras.

Para o historiador Eric Hobsbawm, a segunda metade do século XX

foi cheia de guerras e guerrilhas no Terceiro Mundo, praticamente todas nos países coloniais em que, por um motivo ou outro, as antigas potências

coloniais resistiram à descolonização pacífica (HOBBSAWM, 2001, p.425).

Marcadas pela guerra gerada a princípio pela resistência das antigas metrópoles à descolonização e posteriormente pelas disputas internas, Angola e Moçambique têm na literatura uma contribuição para o remodelar de suas identidades que, no atual momento, estão sendo reconsideradas e repensadas.

2 A CONFISSÃO DA LEOA: o feminino como voz reprimida

Em relação a Moçambique, especificamente, configura-se um campo literário autóctone que se constrói no entrecruzar dos valores tradicionais com os valores do mundo ocidental. Couto, em seu romance *A confissão da leoa*, cria dois personagens que se alternam na condução do enredo: o caçador Arcanjo, um mestiço que vai à aldeia Kulumani dar cabo de leões que comem pessoas, e Mariamar, uma assimilada moradora da aldeia, que é reprimida pela tradição local e familiar e não se enquadra na cultura portuguesa assimilada.

De acordo com Said, o contato imperial “nunca consistiu na relação entre um ativo intruso ocidental contra um nativo não ocidental inerte ou passivo; sempre houve algum tipo de resistência (...)” (SAID, 1995, 12). A tribo Kulumani, à qual Mariamar pertence, mantendo a tradição, resiste a qualquer “intruso”, sendo isso um exemplo do que explica Said.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a assimilação da qual a família de Mariamar foi vítima foi uma estratégia da colonização para neutralizar as resistências. Ela é explicada por muitos autores, dentre eles Zygmunt Bauman:

Era esta a estratégia da assimilação: tornar a diferença semelhante; abafar as distinções culturais ou linguísticas; proibir todas as tradições e lealdades (...) (BAUMAN, 1998, p. 29).

Sendo assim, por ser assimilada, Mariamar não se identifica mais com a tradição da tribo, porém não se compreende plenamente na cultura do colonizador; eis seu grande dilema identitário.

Outro ingrediente relevante é a questão do feminino. Nelly Richard, na obra *Intervenções Críticas*, explica que o feminino

é a voz reprimida pela dominante de identidade, que codifica o social na chave patriarcal. Porém, libertar essa voz longamente silenciada não implica subtraí-la do campo de tensão no qual enfrenta o masculino.
(RICHARD, 2002, p. 150).

Na sociedade moçambicana, porém, o feminino, além dos resíduos da cultura judaico-cristã e do patriarcalismo, conjuga rastros da cultura islâmica, dando à mulher um papel ainda mais complexo.

Contudo, não se pode ignorar a relação alegórica criada pelo autor entre a mulher e a terra. Utilizando a definição de alegoria de Walter Benjamin (BENJAMIN, 1963, p. 41), sugerimos que Mariamar é Moçambique e Moçambique é Mariamar.

No decorrer da história do patriarcalismo e do colonialismo, a posse da terra trazia como consequência o apossar-se das mulheres da terra. Em Moçambique, como em outros lugares em que há a cultura da opressão, permanece, mesmo após a Independência, a mesma relação de hierarquização de critério sexual e étnico, que subjugava a mulher ao homem africano, mesmo antes de submetê-la ao europeu.

De acordo com Simone de Beauvoir, “o homem procura na mulher o Outro como natureza e como seu semelhante. Mas conhecemos os sentimentos ambivalentes que a natureza inspira ao homem” (BEAUVOIR, 2009, p. 212).

Essa relação que se estabelece na ambivalência é relevante em nossa análise de Mariamar, uma vez que ela sofreu abuso sexual do próprio pai na infância, vive em isolamento dentro da própria aldeia e, por fim, após a morte do pai, crendo ser a própria leoa, desiste de falar, por não conseguir lidar com os resquícios de sua possível identidade selvagem e primitiva.

É como se ela acreditasse que as premissas psicológicas em que o sistema – a organização colonial – se baseia são uma ilusão insustentável, mas, mesmo ciente disso, vivesse uma crise que pode ser bem compreendida na explicação de Freud:

Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização. Na realidade, o homem primitivo se achava em situação melhor, sem conhecer restrições de instinto (FREUD, 1997, p. 6)

A mulher é, então, o próprio ressentimento com a civilização, já que deve lidar com a eclosão e a repressão de seus instintos e vontades. Ela representa bem a mulher castrada, presa à cadeia patriarcal e falocêntrica e, apesar da morte do pai, devido à força do discurso introjetado de opressão, ela desiste de falar. Segundo Beatriz Sarlo, a “constância do horror pode não destruir materialmente tudo, mas ao mesmo tempo ninguém está salvo dessa presença permanente.” (SARLO, 1997, p. 39).

Além disso, por ser assimilada, ela vive na fronteira do não pertencer: não é mais da Missão, que abandonou o país durante a guerra civil, e não se sente pertencente à aldeia, tendo até mesmo vontade de fugir dali, porém sem ter para onde, já que o próprio rio da aldeia a prende e, ao contrário do que se espera de um rio, este impede sua saída. A situação da protagonista é bem a de Moçambique pós-colonial: seu estado é o do não pertencer.

3 TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO: a difícil alteridade ou o medo do outro

Com respeito a Angola, considerando-se o romance *Teoria Geral do Esquecimento*, de Agualusa, percebemos também as contradições geradas pelo colonialismo. Segundo Laura Padilha, a literatura angolana a partir de 1975 expressa “as novas correlações de forças ideológicas, assim como as novas

contradições surgidas no não menos novo processo histórico aberto com a Independência e com a necessidade de reconstrução nacional.” (LEÃO, 2003, p. 312).

Porém, se no romance de Mia Couto a identidade é construída pela articulação entre tradição e ocidentalização em busca de si e do outro, na obra de Agualusa a manifestação da memória é o elemento fundamental com o qual o sujeito pós-moderno compreende seu mundo e a si mesmo.

De acordo com Huyssen, “como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão de futuro. (HUYSSSEN, 2000, p. 67). A rememoração, sem dúvida, dá forma às ligações com o passado e o modo de rememorar acaba por definir o presente.

De acordo com Wander Melo de Miranda, no prefácio da obra “Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política”, a memória é

signo privilegiado da diferença, uma vez que ao desconstruir ou desterritorializar transforma o passado em um lugar de reflexão que atua como uma espécie de metamemória, cujo alcance teórico amplia as vias de interrogação sobre aquilo que o recalque histórico mantém imobilizado na sua temporalidade de acontecimento finito e datado(RICHARD, 2002, p.8).

Para os angolanos, a memória da libertação nacional, especialmente a preocupação com as vítimas do Estado pós-colonial em função da duradoura guerra civil, é base da nova história nacional. Todavia, o passado só nos é acessível por meio da textualidade. (HUTCHEON, 1988), daí a relevância da literatura para Angola independente.

A obra de Agualusa coloca em cena os conflitos da contemporânea sociedade angolana na medida em que permite perceber os destroços deixados pela guerra, o desencanto com a utopia, que foi o ideal da revolução, o desajuste com o progresso, uma identidade nacional ainda a ser construída e dilemas outros, certamente motivados pela experiência traumática da colonização e que são obstáculos ao tempo presente.

A protagonista de “Teoria geral do esquecimento”, Ludo, é uma portuguesa que, assim como Mariamar, foi vítima de abuso sexual na infância e, como consequência,

adquiriu o medo do outro. É importante ressaltar que, de acordo com o próprio autor, a personagem é uma recriação de fatos reais.

Sua difícil relação com as pessoas – alteridade – a isolou dentro de sua própria casa. Depois da morte dos pais, ela passou a viver com a irmã. Quando esta se casou e precisou se mudar para Angola, Ludo se viu obrigada a acompanhá-la e passou a morar com a irmã e o cunhado em um prédio de grande ostentação social, na capital angolana, Luanda.

Durante a guerra civil, porém, com o desaparecimento dos parentes com os quais vivia, ela virou prisioneira em sua própria casa, na qual se fechou por mais de 30 anos, enquanto o país ardia em guerra. Além da guerra civil, há a guerra íntima de Ludo consigo e com o lugar onde está.

De acordo com Foucault, “estamos em guerra uns contra os outros; uma frente de batalha perpassa a sociedade inteira.” (FOUCAULT, 1999, p. 59). Como se vê, não há sujeito neutro. Assim, ela viveu a experiência de um exílio absoluto em terra estrangeira, como uma branca náufraga, tentando sobreviver em território negro, em luta com si mesma.

Edward Said explica que a situação do exílio deixa “fraturas jamais superadas no ser” (SAID, 2003, p.46). As lacunas deixadas no indivíduo, de acordo com o crítico, têm sua origem na própria condição do exílio. Abandonar a pátria e estar em outra geografia e em outra tradição são atos que jamais ficam impunes: a consciência de ter pertencido a uma nação não pode ser eliminada, mas também nunca será substituída pelo lugar do exílio. O dilema de Ludo, então, aproxima-se muito do de Mariamar: ambas estão na fronteira do não pertencer.

Acima de tudo, ela deseja esquecer e ser esquecida. De acordo com Bhabha, é “através da sintaxe do esquecer ou do ser obrigado a esquecer que a identificação problemática de um povo nacional se torna visível”. (BHABHA, 2003, p. 226). Porém, esquecer é impossível e ela precisa conviver com a insistência da memória. Restam-lhe um cachorro de companhia, a biblioteca vasta, com todo o saber ocidental - que naquele momento não tem utilidade -, um estoque de comida que vai se acabando e o isolamento sem fim.

Todorov afirma que “o passado poderá contribuir tanto para a construção da identidade, individual ou coletiva, quanto para a formação de nossos valores, ideais,

princípios.” (TODOROV, 2002, p. 207). Ludo se vê, então, obrigada a se confrontar com seu passado e construir para si uma nova identidade, em um novo contexto, ou seja, segundo Todorov, ela precisa enfrentar o passado para se reconstruir; lembrar e esquecer são parte de um mesmo processo.

Assim, ela representa, alegoricamente, tanto Angola quanto Portugal em um contexto pós-colonial (não mais colônia; não mais metrópole) e a articulação do passado com o presente em busca de uma nova identidade nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A confissão da leoa e Teoria geral do esquecimento” se cruzam também no desfecho: ambas as protagonistas são resgatadas, mas isso só ocorre quando se dissolvem ou se tornam parte do outro. Mariamar é resgatada pelo caçador Arcanjo, que a tira da aldeia justamente quando ela se entrega ao silêncio e ao esquecimento. Ludo, que se manteve esquecida e silenciada, é resgatada no fim, quando se abre ao outro. De um jeito ou de outro, o resgate ocorre.

Os desfechos sugerem que, em espaços fronteiriços, é necessário superar o trauma da História, como afirma Boaventura de Sousa Santos: “viver na fronteira é viver nas margens, sem viver uma vida marginal” (SANTOS, 2006, p.242).

Sendo assim, o espaço pós-colonial deve ser propício à hibridação cultural por ser efetivamente um lugar do encontro das diferenças, das contaminações culturais, da ambivalência. Sem dúvida, um possível caminho para identidades africanas que emergem na atualidade, no cenário da globalização e da fragmentação do eu, é a abertura para o outro.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. **Teoria geral do esquecimento**. Rio de Janeiro: Foz, 2012

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998
- BONICCI, Thomas. Introdução aos estudos das literaturas pós-coloniais. IN **Mimesis**. Bauru: Edusc, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **A origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003
- CANDIDO, Antonio. **Educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2000
- COUTO, Mia. **A confissão da leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005
- FREUD, Sigmund: **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro, Editora Imago, 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002
- HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Schwarcz, 2001
- HUTCHEON, Linda. **A poetics of postmodernism: history, fiction**. New York: s.n., 1988
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000
- LEÃO, Angela Vaz. **Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa**. Belo Horizonte: PUCMinas, 2003
- RICHARD, Nelly. **Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Schwarcz, 2003

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e Inter-Identidade. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2001

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias**: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: Edusp, 1997

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem**. São Paulo: Arx, 2002.